

O Marinheiro

★★★★★

Teatro de Almada Teatro

À primeira vista não se passa nada. Três irmãs velam a irmã falecida numa cena dominada pelo breu, praticamente vazia de adereços, onde as palavras ecoam, umas vezes como murmúrios que escondem gritos, outras como exclamações que guardam a angústia. Contudo, é sabido, mesmo quando não acontece nada, alguma coisa sucede. Em *O Marinheiro* encadeiam-se frases e, com elas, o encenador Alain Ollivier constrói uma narrativa que as actrizes desenvolvem como um transe hipnótico.

A isto chama-se teatro estático. Pelo menos era como Fernando Pessoa (1888-1935), que não admirava o teatro seu contemporâneo, para ele dominado pelo entrecho sem substância, definia o seu trabalho dramático. E assim o descreve, em *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias* (Edições Ática, 1973), que cito do programa:

“Chamo teatro estático àquele cujo enredo dramático não constitui acção – isto é, onde as figuras não só não agem, porque nem se deslocam nem dialogam sobre deslocarem-se, mas nem sequer têm sentidos capazes de produzir uma acção; onde não há conflito nem perfeito enredo.” Por outras palavras: “A intriga no teatro reside não na acção, nem na progressão e nas consequências da acção, mas sim na revelação das almas através das palavras trocadas e na criação de situações.” Dito isto deve acrescentar-se que este “drama

estático”, escrito nos dias 11 e 12 de Outubro de 1913, foi o primeiro passo do poeta na direcção da dramaturgia. Porém, completamente frustrado. Não só porque a peça nunca foi encenada durante a vida do criador (e até hoje continua mais ou menos proscrita), como por os seus esforços não serem levados a sério – o que decerto justifica o achado de fragmentos de mais de uma dúzia de outras peças no seu espólio.

Alain Ollivier levou a sério, mas não à letra, as palavras do autor na sua encenação para a Companhia de Teatro de Almada (como já o fizera da primeira vez que levou à cena, com elenco francês, *Le Marin*, apresentado nesta mesma Sala Experimental em Setembro de 2006). Na peça, interpretada em apropriado regime próximo do *rigor mortis* por Cecília Laranjeira, Maria Frade, Teresa Gafeira e, no papel de irmã morta, Catarina Beirão ou Maria Zamora, as três irmãs esperam pela manhã. E durante essa longa noite, na presença da morte, perante o silêncio e a solidão, sonham, inventam, revelam histórias onde se acolhem sentimentos e frustrações, devires e desejos por cumprir. Por assim dizer a encenação cria uma litania, que as actrizes – representadas como mulheres da Renascença – interpretam como uma contenção notável, como brilhante é a maneira como fazem as palavras viver intensamente, criando uma dinâmica que acrescenta ao texto emoção e tensão dramáticas no esforço de revelar a alma das personagens. *Rui Monteiro*



Teatro Estático Três irmãs velam outra irmã que morreu e não acontece muito mais